



# **MELHOR DE TRÊS**

**Angela Carneiro**



Ilustrações **Maria Eugênia**

Melhor de três  
© Angela Carneiro, 2002

Diretor editorial	<i>Fernando Paixão</i>
Editora	<i>Claudia Morales</i>
Editor assistente	<i>Emilio Satoshi Hamaya</i>
Preparador	<i>Imidio de Pina Barros Júnior</i>
Coordenadora de revisão	<i>Ivany Picasso Batista</i>
Revisoras	<i>Luicy Caetano de Oliveira</i> <i>Danielle Mendes Sales</i>

ARTE	
Editora	<i>Suzana Laub</i>
Editor assistente	<i>Antonio Paulos</i>
Editoração eletrônica	<i>Estúdio O.L.M.</i> <i>Claudemir Camargo</i>
Ilustração do personagem Vaga-Lume	<i>Eduardo Carlos Pereira</i>
Tratamento de imagem	<i>Susana Leal</i>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C287m

Carneiro, Angela  
Melhor de três / Angela Carneiro ; ilustrações de  
Maria Eugênia. - 1.ed. - São Paulo : Ática, 2004.  
72p. : il. - (Vaga-Lume Júnior)

Contém suplemento de atividades  
ISBN 978-85-08-09038-9

1. Esportes - Literatura infantojuvenil. 2. Respeito -  
Literatura infantojuvenil. 3. Solidariedade - Literatura  
infantojuvenil. 4. Literatura infantojuvenil brasileira. I.  
Eugênia, Maria, 1963-. II. Título. III. Série.

09-3717. CDD: 028.5  
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 09038-9 (aluno)  
ISBN 978 85 08 09039-6 (professor)

2013  
1ª edição  
10ª impressão  
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2004  
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# MELHOR DE TRÊS



O João anda bem chateado: depois que se mudou, ainda não achou um lugar pra bater uma bolinha. Cadê os campinhos deste bairro? E cadê gente pra formar um time?

Mas aos poucos ele conhece amigos muito especiais, e também descobre um campinho da hora. Pronto: está fundado o Glorioso Canelada Futebol Clube!

O pessoal anda dizendo que nesse time só tem perna-de-pau. Será? Não perca tempo! Garanta o seu lugar na arquibancada. A bola já vai começar a rolar!



Conhecendo

## Angela Carneiro

Foto: Antonio Guerreiro



**Angela** nasceu no Rio, em 1954. Casada, cinco filhos. Mora pertinho do mar. É: professora de desenho, tradutora, ilustradora, mestre em educação e, claro, escritora. Começou a publicar livros em 1989 e já conquistou um monte de prêmios literários muito importantes, um monte de leitores também.

Escreve sobre tudo: fada que soluça; moça que escreve cartas; dragão deprimido; menino inventor; duendes fofoqueiros; amor, solidariedade, coragem e honestidade. Dá sempre um jeito de meter nas histórias as coisas de que gosta: bolinhas de gude, livros pop-up caleidoscópicos e lápis de cor.

Quando era criança, viveu no mundo de meninas com suas irmãs. Um mundo de vestidos de renda e laços de fita. Mas aí teve filhos e sobrinhos. De repente, seu mundo era o dos carrinhos, dos tom-bos e da bola. Os meninos cresceram e Angela se lembrou do dia em que o futebol, esse esporte verde-e-amarelo, foi mais do que uns caras correndo pra chutar uma bola: a Copa de 1970! Aí não eram caras: eram artistas com asas nos pés!

Prestando atenção, descobriu que muitas coisas que acontecem no futebol são parecidas com as que acontecem na escola, em casa, na vida enfim. Confira nesta história.



# Sumário

<b>1. Está quase na hora</b>	<b>7</b>
<b>2. O campo maravilhoso</b>	<b>8</b>
<b>3. No colégio</b>	<b>13</b>
<b>4. O lugar</b>	<b>15</b>
<b>5. A sabe-tudo</b>	<b>18</b>
<b>6. Nasce o Glorioso Canelada Futebol Clube</b>	<b>22</b>
<b>7. Mais quatro</b>	<b>29</b>
<b>8. O time</b>	<b>32</b>
<b>9. O jogo</b>	<b>36</b>
<b>10. Os treinos</b>	<b>40</b>
<b>11. O patrocínio</b>	<b>43</b>
<b>12. Somos famosos</b>	<b>48</b>
<b>13. Melhor de três</b>	<b>50</b>
<b>14. Segunda partida</b>	<b>57</b>
<b>15. A final</b>	<b>60</b>
<b>16. Disputa de pênaltis</b>	<b>63</b>
<b>17. E assim...</b>	<b>67</b>



# 1 *Está quase na hora*



Procurei no dicionário com a letra *esse*. Me dei mal. Depois é que vi que se escreve com *zê*. Que coisa! Coisa é com *esse*, casa é com *esse*, por que raios cafuzo é com *zê*? A gente acaba escrevendo tudo errado mesmo. Eita linguinha complicada a nossa!

O primeiro jogo me esperava, ia ser melhor de três. Não podia perder nem por um cacete! Ai, ai! Lá fui eu dizer essa palavra de novo! Mamãe diz que não posso dizer, que é palavrão. Não entendo. Minha bisavó vivia dizendo quando se chateava: “Que coisa cacete! Que coisa pau!”.

Aliás, até o livro de Monteiro Lobato que o colégio mandou ler diz “que coisa pau!”. Acho que naquele tempo, no tempo da minha bisavó, não era palavrão. Por sinal, o livro é legal *pacas* — *pacas* pode, né?; mamãe diz que não pode, que *pacas* quer dizer a mesma coisa que “para cacete”, só que reduzido.

Ricardo Mário tocou a campainha:

— Oi, João! Vamos nessa? Passei pelo campo antes de vir, o time adversário já está todo lá.

Tenho como certa a vitória do Glorioso Canelada Futebol Clube. Também, somos um timaço! Ricardo Mário é o maior artilheiro do planeta!

E pensar que há um ano esse time nem existia!



---

## 2 O campo maravilhoso

— João! Para com essa bola, menino! Vá arrumar suas coisas!



Tive de obedecer. Mamãe estava com a macaca, mas, pudera, com razão. Mudança é uma coisa chata pra caramba. Já tínhamos chegado há três dias e a casa continuava uma bagunça daquelas.

Ninguém encontrava nada! E meu irmãozinho, coitado, bebezinho ainda, vivia sendo deixado nos lugares mais absurdos. Uma hora, papai deixou o bebê-conforto em cima da geladeira! Juro! Volta e meia alguém, assustado, se lembrava dele:

— Onde é que está o bebê??

Todo mundo parava o que estava fazendo para procurar o neném.

Um “Achei!” aliviado era ouvido e, logo em seguida, o relato da bobagem ou do perigo, pois as coisas que meu irmãozinho leva à boca até Deus duvida! Vai ser porco assim lá na casa do cacete!

— João! Vá já lavar essa boca suja! Isso lá são modos de falar?

Fui, injuriado, mas fui. Meu irmão é quem põe porcaria na boca e quem tem que lavar sou eu. Só tem doido!

Não entendo muito isso. Eu não posso falar palavrão, mas meu pai fala. Quando eu digo isso, ele se defende dizendo que é adulto, que sabe a hora de falar, sabe a hora de calar a boca; mas se eu ficar falando palavrão por aí, vou ficar acostumado e falar na hora errada. Como se palavrão tivesse hora e não fosse uma palavra como qualquer outra. Não entendo.

Fui ao dicionário, está lá: cacete, pedaço de pau, porrete. Claro que se usa também como apelido do pinto, quer dizer, pinto também é apelido, do pênis, mas ora!, não fui eu que inventei isso! Não é minha culpa. Quando eu uso a palavra *pacas*, estou pensando em “pra caramba”, “muitão”, e não em bobagem.